

A hermenêutica filosófica: uma concepção que potencializa a articulação interdisciplinar entre o Serviço Social e a Psicologia

Karen Eidelwein⁽¹⁾
Keli Regina Dal Prá⁽²⁾
Wanda Hirai⁽³⁾

Resumo

O presente artigo trata da compreensão da questão social e de suas expressões, a partir do diálogo interdisciplinar das áreas de conhecimento do Serviço Social e da Psicologia Social, e as implicações dessas diferentes possibilidades na formulação dos aspectos teórico-metodológico, ético-político e técnico-operativo, que orientam as profissões. Para tanto, aproximou-se da discussão da hermenêutica filosófica por compreender que esta se constitui numa postura reflexiva do pesquisador/profissional diante do processo de trabalho e de produção de conhecimento, possibilitando compreender e interpretar realidades considerando a auto-reflexão do próprio pesquisador.

Palavras-chave

(1) Hermenêutica filosófica; (2) Serviço Social; (3) Psicologia Social.

Abstract

The present article concerns the comprehension of social issues and its expressions, from the point of view of an interdisciplinary approach between the Social Work and the Social Psychology knowledge areas, as well as the implications of these different possibilities on the formulation of the theoretical-methodological, ethical-political and technical-operative aspects that rules both professions. Therefore, it is sustained that the philosophical hermeneutics enables a reflexive attitude to the professional in the processes of intervention and research by making it possible to elucidate the social reality, considering the researcher self-understanding.

Key-words

(1) Philosophical hermeneutics; (2) Social Work; (3) Social Psychology.

⁽¹⁾ Psicóloga; Mestre em Psicologia Social e Institucional/UFRGS; Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) e Integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Políticas Sociais e Processos de Trabalho do Assistente Social (NEPsTAS).

⁽²⁾ Assistente Social; Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS); Integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Saúde e Trabalho (NEST).

⁽³⁾ Assistente Social; Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS); Docente da Universidade Católica de Pelotas (UCPEL); Integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Políticas Sociais e Processos de Trabalho do Assistente Social (NEPsTAS).

Introdução

O presente artigo surge da necessidade de buscar apropriação das idéias desenvolvidas junto às áreas de conhecimento e intervenção que caracterizam a inserção profissional das autoras: o Serviço Social e a Psicologia Social – áreas de conhecimento que orientam suas ações para o campo social.

Nessa direção, cabe destacar que o social é compreendido como algo não-natural e não-evidente, mas como resultado de uma construção histórica decorrente de lutas entre forças contraditórias. A partir do momento em que um conjunto de forças se sobrepõe a outro, surgem certos "disfuncionamentos" que, ao não serem regulados de uma maneira relativamente informal no tecido da sociedade, geram um movimento de "problematização" do social e criação de alguns espaços institucionais, onde um "corpo profissional especializado passará a se ocupar de tais 'disfuncionamentos'" (Silva, 2005, p. 18). Então, não se trata de um social que servirá de pano de fundo para as ações profissionais, mas, sim, de um contexto a partir do qual as profissões – Serviço Social e Psicologia Social⁴ – se constituem e são permanentemente tensionadas.

O atual quadro sócio-histórico não se reduz a um pano de fundo para que se possa, *depois*, discutir o trabalho profissional. Ele atravessa e conforma o cotidiano do exercício profissional do Assistente Social [e do Psicólogo Social], afetando as suas condições e as relações de trabalho, assim como as condições de vida da população usuária dos serviços sociais (Iamamoto, 2003, p. 19).

Desta forma, destaca-se a importância de compreender essas duas áreas do conhecimento em questão como frutos de construções históricas da sociedade em determinadas épocas temporais, caracterizadas por determinadas formas de acu-

⁴ Com relação à Psicologia Social, trata-se de uma área de produção de conhecimento dentro do campo psicológico que, do ponto de vista das autoras, mais se aproxima do serviço social se considerarmos o movimento de reconceituação profissional vivido por esse e a perspectiva da psicologia social crítica latino-americana.

mulação do capital. Partindo da compreensão do social como uma "invenção" histórica, portanto, não-necessária e não-imutável, e da questão social (objeto de trabalho do assistente social), em suas múltiplas expressões, como uma produção histórica decorrente e recorrente das transformações nos processos de (re)produção do capital, as referidas profissões surgem em um primeiro momento como tecnologias que devem operar para a manutenção de determinado *status quo*. Devem agir sobre as "disfunções" do social na direção de torná-las funcionais, sob termos como: ressocializar, reabilitar, incluir, dentre outros.

Deve-se ter em mente que assistentes sociais e psicólogos sociais fazem parte da classe-que-vive-do-trabalho⁵ e, enquanto trabalhadores, participam do processo de (re)produção do capital em sua totalidade, ou seja, instaurando movimentos de sujeição e manutenção, assim como, de resistência e enfrentamento às forças instituídas. Ambos os profissionais encontram-se submetidos a relações e condições de trabalho que são determinantes de suas possibilidades e limitações, fazendo com que não tenham o domínio completo sobre o seu próprio processo de trabalho.

Importa, então, refletir sobre os processos de trabalho do assistente social que tem como objeto a questão social, isto é,

... o conjunto das expressões das desigualdades da sociedade capitalista que tem uma raiz comum: a produção social é cada vez mais social, enquanto a apropriação dos seus frutos mantém-se privada, monopolizada por uma parte da sociedade (Iamamoto, 2004, p. 32).

Para tanto, parte-se da transposição de uma reflexão de Flickinger, com relação à Pedagogia: "... ao discutir hoje sobre a pedagogia, torna-se nos inevitável tematizar não somente as condições instrumentais de seu procedimento, mas, sobretudo aquelas raízes éticas a ela subjacentes, de que a hermenêutica filosófica nos lembra" (2002, p. 155).

⁵ Expressão cunhada por Ricardo Antunes (2004) ao fazer referência à totalidade dos assalariados, não só os trabalhadores manuais diretos, mas, também, à totalidade do trabalho social e coletivo que vende sua força de trabalho como mercadoria em troca de salário. Incorpora o núcleo central do proletariado industrial; os trabalhadores dos setores produtivos nos serviços; os trabalhadores improdutivos; o proletariado rural; o proletariado precarizado; o proletariado moderno, fabril e de serviços part-time; a totalidade dos trabalhadores desempregados.

Desta forma – considerando as complexas expressões da questão social, as quais não dizem respeito somente ao Serviço Social, mas, também, a outras áreas do conhecimento que buscam, através de suas ações, contribuir para a construção de modos de vida menos desiguais e mais solidários – importa pensar para além dos aspectos técnico-operativos que orientam as profissões. Ou seja, faz-se necessário refletir sobre as condições a partir das quais se produzem conhecimentos sobre determinado processo ou fenômeno. Reflexão subsidiada na hermenêutica filosófica e que no presente artigo direciona-se para a questão social.

A hermenêutica filosófica chama a atenção para a constituição de um pensamento racional fundamentado através do diálogo, o qual pode ser compreendido como um movimento dialógico que inicia a produção de um conhecimento, "cuja verdade se constitui ao longo do movimento, sem estar disponível, de antemão para um dos participantes" (Flickinger, 2002, p. 151). O referido movimento implica uma relação dialética entre os sujeitos participantes do diálogo. Relação esta que se caracteriza por diferentes pontos de vista sobre um mesmo evento e que depende de duas condições para ser bem sucedida: da disponibilidade dos participantes do diálogo em revelar as razões de suas convicções, as quais serão avaliadas pelo interlocutor, podendo convencê-lo (caminho para a verdade) ou não (necessidade de correção), e da compreensão de que o saber verdadeiro não deve ser considerado como algo estanque, mas em contínuo processo de renovação.

Junto a esses aspectos, cabe destacar a importância de considerar os pré-conceitos que se encontram presentes no processo de produção de um novo conhecimento e que não devem ser isolados ou deixados de lado, mas sim, servirem de condição para a formulação dos problemas científicos que se quer investigar. E nessa direção, as perguntas formuladas ao longo do processo adquirem grande importância, pois é através delas que se conforma o horizonte de respostas possíveis.

Gadamer (*apud* Minayo, 2004, p. 221) salienta a questão do pré-conceito quando refere: "o fato de pertencermos a determinado grupo social, a determinado tempo histórico, de possuímos determinada formação, faz com que a compreensão hermenêutica seja inevitavelmente condicionada pelo contexto do analista". A hermenêutica traz para o primeiro plano, no tratamento das informações, "as condi-

ções cotidianas da vida e promove o esclarecimento sobre estruturas profundas desse mundo do dia-a-dia".

Considerando o movimento de produção do conhecimento para o qual a hermenêutica filosófica chama a atenção, buscar-se-á ao longo deste texto refletir sobre as diferentes possibilidades de compreensão da questão social, a partir do diálogo de duas áreas do conhecimento – Serviço Social e Psicologia Social –, e as implicações dessas diferentes possibilidades na formulação dos aspectos teórico-metodológico, ético-político e técnico-operativo, que orientam as profissões. Ao analisar as formas como Serviço Social e Psicologia Social dialogam (?) com a questão social, que tipos de verdades se constroem? Ao dialogar com a questão social, quem seriam os interlocutores? Considerando a complexidade das expressões da questão social, que implica na necessidade de intervenção de uma série de profissões, até que ponto há disponibilidade para a existência do diálogo entre as diferentes áreas do saber, principalmente se considerarmos a disputa pelo domínio de territórios de ação profissional diante de relações de trabalho precarizadas e compartimentalizadas? Ao dialogarem entre si, enquanto áreas de saber, sobre a questão social, quais as possibilidades de compreensão que surgem? Em que medida o diálogo com o objeto e entre as profissões implica em uma auto-reflexão do campo de saber?

Hermenêutica filosófica - aproximações iniciais

Segundo Minayo (2004, p. 218), a "Hermenêutica-Dialética apresenta-se como um 'caminho do pensamento', como uma via de encontro entre as ciências sociais e a filosofia". Pode ser definida, segundo a filosofia, como a explicação e interpretação de um pensamento. Essa interpretação pode ser: "(a) literal ou de averiguação do sentido das expressões usadas por meio de uma análise lingüística; (b) ou temática, na qual importa, mais que a expressão verbal, a compreensão simbólica de uma realidade a ser penetrada" (Ferrater Mota, *apud*/Minayo, 2004, p. 219-220).

A história da hermenêutica vincula-se à leitura das Sagradas Escrituras e à crítica textual. Seu desenvolvimento se deve, em parte, ao avanço histórico da gramática, da retórica humanística e dos estudos bíblicos (Costa, 2004; Minayo, 2004). Também é possível identificar traços da origem da hermenêutica na Antiguidade

Clássica, relativas à pluralidade de significados que um texto sagrado poderia ter. A idéia central que se encontra associada à expressão hermenêutica, cunhada inicialmente no século XVII, refere-se ao problema da compreensão e/ou interpretação do significado de textos, ações humanas e produtos culturais em geral (Costa, 2004, p. 897).

No entanto, ao se apresentar a história da tradição hermenêutica, surge a necessidade de caracterizá-la em termos de duas grandes perspectivas de análise, apontadas por Costa (2004): a **Teoria Hermenêutica** – tendência vinculada ao desenvolvimento teórico e metodológico das ciências humanas e históricas do século XIX e aos seus antecedentes; e a **Filosofia Hermenêutica** – que desenvolveu-se no século XX, na esteira dos avanços da fenomenologia de Edmund Husserl e com base na obra de Martin Heidegger, embora tenha alcançado seu ápice contemporâneo com a obra de Gadamer intitulada *Verdade e método* (1960).

O termo Hermenêutica Filosófica, cunhado por Gadamer, emerge, segundo Flickinger (2000, p. 27-28), a partir de uma concepção de filosofia que não perde de vista a "dimensão inquietante aberta pela experiência do desconhecido e do estranho, verdadeiro motor da reflexão". O referido autor aponta quatro aspectos do termo Hermenêutica Filosófica que levam à compreensão da filosofia gadameriana. O primeiro deles refere-se ao fato da expressão Hermenêutica Filosófica, aludir a uma experiência ontológica que, acontece antes de toda a atividade reflexionante. "Trata-se (...) de algo ou de alguém que se encontra à nossa frente e, como tal, dirige-se a nós e inquieta-nos, devido única e exclusivamente ao fato de ser outro que nós mesmos", constitui-se no impulso à reflexão. O segundo aspecto é que a experiência hermenêutica "abarca algo que se encontra além do articulado explicitamente nas determinações conceituais da teoria, sem, entretanto, renunciar à pretensão de validade enquanto saber". A hermenêutica não pretende subsumir as experiências dos indivíduos/sujeitos aos parâmetros de uma lógica determinadora (Flickinger, 2000, p. 28-29).

O terceiro aspecto refere-se a não pretensão, da Hermenêutica Filosófica, de "verdade da fala ou de um texto, nem tampouco com um seu possível sentido autêntico, legitimado em termos lógicos", mas que cada linguagem expressiva necessita ser exposta à interpretação e, assim, a um processo de configuração de sentido

possível, com pretensão de verdade própria. E o quarto aspecto diz respeito ao sentido da hermenêutica enquanto arte da interpretação, caracterizada por Gadamer "... enquanto aquele 'saber do quanto fica de não-dito quando se diz algo'" (Flickinger, 2000, p. 29).

... a hermenêutica é a busca de compreensão de sentido que se dá na comunicação entre os seres humanos: 'ser que pode ser compreendido é linguagem'. Portanto a linguagem constitui o núcleo comum no seu dia-a-dia. Seus pressupostos são que o homem como ser histórico é finito e se complementa na comunicação. Mas a compreensão dessa comunicação é também finita: ocupa um ponto no tempo e no espaço. E ainda quando podemos ampliar os horizontes da comunicação e da compreensão, nunca escapamos da história, fazemos parte dela e sofremos os preconceitos de nosso tempo (Gadamer *apud* Minayo, 2004, p.220).

À primeira vista, Gadamer refere que os meios de uma linguagem natural são suficientes para esclarecer o sentido de qualquer contexto simbólico, por mais estranho, diferente e inacessível que este se apresente, ou seja, pode-se traduzir de uma língua para outra, bem como se pode compreender a cultura de outras épocas e de outros tempos (Minayo, 2004). Porém, este contexto passível de compreensão é ao mesmo tempo questionável e incompreensível. A hermenêutica "... balança entre o familiar e o estranho, entre a intersubjetividade do acordo ilimitado e o rompimento da possibilidade de compreensão" (Minayo, 2004, p. 220). Isso vale tanto para o estudo de interações de grupos e comunidades heterogêneas social e culturalmente como para as relações no interior de conjuntos homogêneos.

Stein (2004, p. 86) aponta os aspectos positivos atribuídos à Hermenêutica Filosófica: a capacidade de descrever as estruturas da reconstituição da comunicação perturbada; está referida à práxis; destrói a auto-suficiência das ciências do espírito, assim como em geral ela se apresenta; tem importância para as ciências sociais na medida em que demonstra que seu domínio objetivo está pré-estruturado pela tradição e que elas mesmas, bem como o sujeito que compreende, têm seu lugar histórico determinado; a consciência hermenêutica atinge, fere e revela os limites da auto-suficiência das ciências naturais, ainda que não possa questionar a metodologia de que elas fazem uso; e, finalmente, hoje, uma esfera de interpretação alcançou atualidade social e exige, como nenhuma outra, a consciência hermenêutica,

a saber, a tradução de informações científicas relevantes para a linguagem do mundo da vida social.

Nesse sentido a hermenêutica filosófica oferece a possibilidade de perceber, a partir das informações obtidas com os sujeitos, as condições da vida cotidiana, bem como as estruturas sociais as quais estes estão submetidos. Aos profissionais envolvidos com o trato das expressões da questão social, neste caso o Serviço Social e a Psicologia Social, a hermenêutica filosófica possibilita compreender o sentido dessas expressões para os sujeitos e para si mesmos, enquanto pesquisadores, inseridos em determinado contexto histórico. Assim, a hermenêutica filosófica constitui-se em uma postura reflexiva diante do processo de produção de conhecimento que possibilita compreender e interpretar realidades considerando a auto-reflexão do próprio pesquisador.

O Serviço Social e a Psicologia Social diante da questão social

Ao pensar as formas pelas quais a questão social se expressa nos mais variados espaços de relações sociais – família, trabalho, habitação, saúde, assistência social – cabe analisar a compreensão que o Serviço Social e a Psicologia Social realizam sobre o seu papel enquanto áreas do conhecimento científico que têm a pretensão de tornar relevantes para "a linguagem do mundo da vida social", os conhecimentos que produzem justamente sobre essa vida.

Com relação à Psicologia Social, partindo de uma perspectiva crítica latino-americana, que surge como contraposição à Psicologia norte-americana de caráter positivista e funcionalista, a proposição é atuar "... em uma visão sócio-histórica, junto às relações que são travadas na esfera do cotidiano, eliminando-se posturas reducionistas, psicologizantes e a-históricas sobre os processos psicossociais" (Freitas, 1998, p. 76). Desta forma, pode-se dizer que tem como objeto de estudo a natureza social do fenômeno psicológico que poderá ser compreendida através da

... relação essencial entre o indivíduo e a sociedade, esta entendida historicamente, desde como seus membros se organizam para garantir sua sobrevivência até seus costumes, valores e instituições necessários para continuidade da sociedade (...) a grande preocupação atual da Psicologia Social é conhecer como o homem se insere neste processo histórico, não apenas em como ele é determinado, mas principalmente, como ele se

torna agente da história, ou seja, como ele pode transformar a sociedade em que vive (Lane, 1985, p.10).

É através da compreensão dessa relação, a partir da qual sujeito e sociedade constituem-se mutuamente, que a Psicologia Social se aproxima da idéia de que a questão social é, ao mesmo tempo, desigualdade e rebeldia, "por envolver sujeitos que vivenciam as desigualdades (reproduzindo-as) e a elas resistem e se opõem" (Iamamoto, 2003, p. 28). E nesse movimento, expresso na vida cotidiana dos sujeitos sociais, porém singulares, busca analisar como as relações sociais vão produzindo processos de produção de subjetividades, os quais, por sua vez, produzem sujeitos que contribuem para a (re)produção das próprias relações que os produzem, seja na perspectiva da manutenção de uma determinada ordem dominante ou na possibilidade de criação de novas ordens. Sendo que para isso cabe analisar a própria implicação do profissional que realiza a análise no processo de compreensão que constrói, uma vez que também faz parte do processo ou fenômeno que se propõe compreender e que carrega consigo os pré-conceitos que o acompanham mesmo sem querer (determinantes sociais).

Já o Serviço Social, na década de 1980, consolidou, no plano ideopolítico, a ruptura com o conservadorismo histórico através do Movimento de Reconceituação, que marcou os avanços alcançados pela profissão. Estes avanços constituíram a consolidação do projeto profissional, na década de 1990, com a direção clara em romper com as concepções do atual projeto societário ao defender intransigentemente os direitos humanos, a ampliação e consolidação da cidadania com vistas à garantia dos direitos sociais, civis e políticos da classe trabalhadora, o aprofundamento da democracia, a equidade e a justiça social, e ao priorizar uma nova relação com os usuários dos seus serviços, baseada no compromisso com a qualidade dos serviços prestados à população, incluída a publicização dos recursos institucionais (CFESS, 1993).

O Serviço Social tem na questão social a base de sua fundação como especialização do trabalho.

Questão social apreendida como o conjunto das expressões das desigualdades sociais da sociedade capitalista madura, que tem uma raiz comum: a produção social é cada vez mais coletiva, o trabalho torna-se mais

amplamente social, enquanto a apropriação de seus frutos mantém-se privada, monopolizada por uma parte da sociedade (Iamamoto, 2003, p. 27).

Os assistentes sociais trabalham com a questão social nas suas mais diferentes expressões cotidianas e que compõe suas vivências nas diferentes áreas tais como: saúde, assistência social, educação, habitação, segurança pública, transportes, cultura, lazer, entre outras. Para Iamamoto (2003), a questão social que, sendo desigualdade é também rebeldia por envolver sujeitos que vivenciam as desigualdades e a ela resistem e se opõem. Ainda segundo a autora, torna-se necessário nos dias atuais, perceber e decifrar as novas mediações por meio das quais se expressa a questão social, observando uma dupla perspectiva: a de apreender as várias expressões que assumem as desigualdades sociais (sua produção e reprodução) e projetar e forjar formas de resistência e de defesa da vida.

Dessa forma, "apreender a questão social é também captar as múltiplas formas de pressão social, de invenção e re-invenção da vida construídas no cotidiano, pois é no presente que estão sendo recriadas formas novas de viver, que apontam um futuro que está sendo germinado" (Iamamoto, 2003, p. 28).

Diante desse contexto, o Serviço Social possui como um dos maiores desafios profissionais o desenvolvimento da capacidade de decifrar a realidade e construir propostas criativas e capazes de preservar e efetivar direitos a partir de demandas emergentes do cotidiano (Iamamoto, 1999). Decifrar a realidade significa compreender as novas mediações através das quais se expressa a questão social, pois na atualidade esta passa a ser objeto de um violento processo de criminalização que atinge as classes subalternas; passa a ser naturalizada; suas manifestações são objeto de programas assistenciais focalizados de combate à pobreza/miséria ou de expressões da violência dos pobres combatida com repressão; e retorna como caso de polícia ao invés de ser objeto de ação sistemática do Estado no atendimento às necessidades básicas dos trabalhadores (Iamamoto, 2004). Esse desafio aumenta na medida em que há uma renovação da velha questão social, onde outras "roupagens" e novas condições sócio-históricas na sociedade contemporânea, aprofundam suas contradições. Por isso mesmo, a necessidade de desenvolver um trabalho articulado a outras áreas do campo social para o enfrentamento das várias

expressões que as desigualdades assumem na atualidade e os processos de sua produção ampliada, mas também para projetar formas de resistência e de defesa da vida.

Interdisciplinaridade como possibilidade de produção de conhecimento

O trabalho dentro da área das ciências sociais e humanas implica na necessidade de uma ação interdisciplinar considerando a complexidade dos objetos de estudo que as diferentes disciplinas se propõem estudar e as limitações encontradas quando se fica fechado apenas dentro de um campo de conhecimento científico que por ter objeto e metodologias próprias acaba (de)limitando sua perspectiva de compreensão e ação.

A construção de outro paradigma científico – um paradigma emergente nas palavras de Boaventura de Sousa Santos (2004) – que sirva de orientação para os estudos dentro da área de conhecimento em questão, decorre da possibilidade concreta de se ultrapassar as disciplinas na direção da construção de ações interdisciplinares. Isso não significa negar as diferentes disciplinas ou desqualificar os conhecimentos por elas produzidos, mas partindo de tais conhecimentos negar e superar as fronteiras de cada uma na direção de formas de compreensão dos fenômenos e processos que possam estar mais próximas das realidades de onde partem, sendo apropriadas pelo maior número de pessoas possível.

... de um lado, a interdisciplinaridade aparece como o instrumento e a expressão de uma crítica interna do saber, como um meio de superar o isolacionismo das disciplinas, como uma maneira de abandonar a pseudo-ideologia da independência de cada disciplina relativamente aos outros domínios da atividade humana e aos diversos setores do próprio saber; do outro, como uma modalidade inovadora de adequar as atividades de ensino e de pesquisa às necessidades sócio-profissionais, bem como de superar o fosso que ainda separa a universidade da sociedade (Japiassu, 1976, p. 57).

Alguns obstáculos a serem enfrentados pela interdisciplinaridade são aspectos psicológicos, sociológicos, lingüísticos e epistemológicos. A interdisciplinaridade diz respeito fundamentalmente a uma tentativa de unidade do saber, esteja ele posto

em ação no ensino, na pesquisa ou na prática social. É uma forma de compreender e modificar o mundo, pois a realidade é múltipla e não única, a sua necessidade básica está na ligação íntima de toda a atividade da consciência com a demanda do agir.

Com efeito, a própria consciência surge no bojo do esforço do homem para conservar sua existência material, produzindo-a ao prover os meios de sua conservação e ao se reproduzir enquanto espécie (...) o conhecimento enquanto instrumento de sobrevivência da espécie humana é de fato, uma forma diferenciada de agir (...) essa capacidade é o dado novo: a disponibilidade de um equipamento, que lhe permite modificar, de acordo com uma intenção subjetivada, a ordem mecânica do mundo natural e a ordem transitiva do instinto (Martins de Sá, 2002, p. 12).

No desdobramento da experiência histórica dos homens e no constituir-se da complexidade da experiência psíquica e social, a intimidade da consciência com a prática foi se obscurecendo cada vez mais e quanto mais a consciência se "autonomizou" e deixou de fazer parte de sua vivência natural, mais foi perdendo sua unidade. Esse distanciamento e perda de unidade refletem-se no processo de trabalho de profissionais das mais variadas áreas de conhecimento dentre elas, os profissionais vinculados ao Serviço Social e à Psicologia Social. Portanto, a questão da interdisciplinaridade se aguça no campo das Ciências Sociais e Humanas e requer esforços no sentido de romper com as fronteiras impostas pelas próprias instituições sociais onde a prática desses profissionais se materializa.

... as organizações humanas não são somente comunidades vivas, mas também instituições sociais projetadas em vista de um fim específico e que operam no contexto de um ambiente econômico específico. Hoje em dia esse ambiente não é favorável à vida, mas cada vez mais contrário a ela. Quanto mais compreendemos a natureza da vida e tomamos consciência de o quanto uma organização pode ser realmente viva, tanto maior é nossa dor ao perceber a natureza mortífera do nosso atual sistema econômico (Capra, 2002, p. 136).

O trabalho interdisciplinar poderá tornar-se poderoso instrumento de transformação das organizações humanas a partir do fortalecimento das potencialidades dos sujeitos. Esses precisam sentir que suas ações são significativas e capazes de

fazer emergir novas formas de resistência e enfrentamento das profundas desigualdades sociais das quais são vítimas. Para tanto, pressupõe-se, de forma necessária, uma convergente contribuição dos assistentes sociais e psicólogos sociais no sentido fornecer aos sujeitos/usuários de suas práticas de trabalho, uma imagem da totalidade de sua própria existência. Apenas dessa forma poderá evitar-se "uma hipertrofia, seja de uma fundamentação unidimensional, seja de uma intervenção puramente técnico-profissional" (Martins de Sá, 2002, p. 19).

Entretanto, para a construção de conhecimentos e práticas interdisciplinares entre o Serviço Social e a Psicologia Social é necessário procurar e encontrar uma linguagem comum, que possibilite se entender sobre as concepções iniciais de onde partirão seus estudos e sobre uma caminhada articulada, aceitando o desenraizamento provocado por problemáticas diferentes da sua (Japiassu, 1976, p. 97). Afinal, trabalhar com as expressões da questão social implica em trabalhar com fenômenos psicológicos? E trabalhar com fenômenos psicológicos, implica em considerar as expressões da questão social? É possível "olhar" apenas para as situações de desigualdade e exclusão social sem "olhar" para os modos como os sujeitos significam tais experiências? É possível "olhar" para os significados que os sujeitos atribuem a suas experiências de vida sem "olhar" para as condições materiais de (re)produção da sociedade na qual encontram-se inseridos?

Caso as respostas a essas questões sejam negativas (e espera-se que sim), então, faz-se urgente a aproximação das áreas de conhecimento em questão no sentido de construir conhecimentos que surjam justamente do processo de diálogo dos diferentes campos e que só tenham existência e significado na medida em que assistentes sociais e psicólogos sociais rompam com os preconceitos e pressupostos que orientam suas práticas profissionais enquanto disciplinas fechadas em si mesmas, na direção de concepções epistemológicas, de métodos e metodologias que lhes possibilitem produzir conhecimentos e realizar ações que estejam cada vez mais próximas das realidades que se buscam compreender e intervir.

Considerações finais

A hermenêutica filosófica apresenta-se como uma concepção muito profícua para se pensar a produção de conhecimento interdisciplinar ao destacar a impor-

tância do diálogo; a necessidade de construção de uma linguagem comum; a inclusão dos preconceitos do sujeito cognoscente no processo de conhecimento; o reconhecimento da inexistência de verdades únicas e imutáveis.

Ao abordar os objetos de estudo do Serviço Social e da Psicologia Social parece claro que tais profissões necessitam aproximar-se na direção da construção de saberes e práticas interdisciplinares com vistas a ampliar suas próprias concepções com relação aos objetos de estudo que visam compreender e investigar. Porém, para tanto, muitos desafios devem ser enfrentados, sendo, talvez, o maior de todos, o medo de romper com saberes já instituídos em nome de outros que não se sabe para onde levarão às áreas de conhecimento em questão, no que tange à capacidade teórica, técnica e política de produzir conhecimentos que apontem na direção de um eterno processo de emancipação humana diante da contradição inerente da vida em sociedade de reprodução do instituído e produção de movimentos instituintes.

Recebida em junho de 2008, aceito para publicação em dezembro de 2008.

Referências bibliográficas

ANTUNES, R. & ALVES, G. "As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital", *Educação e Sociedade*, Campinas, vol.25, n.87, maio/ago., 2004, p. 335-351.

CAPRA, F. *As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável*. São Paulo: Cultrix, 2002.

CFESS. *Código de ética do Assistente Social*. Brasília: Conselho Federal de Serviço Social, 1993.

COSTA, J.C.C. "Hans-Georg Gadamer: notas introdutórias à hermenêutica filosófica contemporânea", *Fragmentos de cultura*, v. 14, n. 5, 2004, p. 897-912.

FLICKINGER, H.G. "Pedagogia e hermenêutica - uma revisão da racionalidade iluminista" In: FÁVERO, A. A.; TROMBETTA, G. L. & RAUBER, J. J. *Filosofia e racionalidade*. Passo Fundo: UPF, 2002, p. 141-155.

_____. "Da experiência da arte à hermenêutica filosófica", In: ALMEIDA, C.L.S.; FLICKINGER, H.G. & ROHDEN, L. *Hermenêutica Filosófica: nas trilhas de Hans-Georg Gadamer*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000, p. 27-52.

FREITAS, M.F.Q. de. "Psicologia na comunidade, psicologia da comunidade e psicologia (social) comunitária: práticas da psicologia em comunidade nas décadas de 60 a 90 no Brasil", In: CAMPOS, Regina H. de F. (org.) *Psicologia comunitária - da solidariedade à autonomia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998, p. 54-80.

IAMAMOTO, M. V. *O Serviço Social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. "As dimensões ético-políticas e teórico-metodológicas no Serviço Social contemporâneo, trajetórias e desafios", In: MOLINA, M.L.M (org.) *La cuestión social y la formación profesional em Trabajo Social en el contexto de las nuevas relaciones de poder y la diversidad latinoamericana*. XVIII Seminario Latinoamericano de Escuelas de Trabajo Social. San José/Costa Rica, jul. 2004, p. 17-50.

_____. "O trabalho do assistente social frente às mudanças do padrão de acumulação e de regulação social", *Caderno de capacitação em Serviço Social e política social: crise contemporânea, questão social*. Brasília: UNB, módulo 1, 1999, p. 112-128.

JAPIASSU, H. *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

LANE, S. T. M. *O que é Psicologia*. São Paulo: Nova Cultural: Brasiliense, 1985.

MARTINS DE SÁ, J.L. *Serviço Social e interdisciplinaridade: dos fundamentos filosóficos à prática interdisciplinar no ensino, pesquisa e extensão*. São Paulo: Cortez, 2002.

MINAYO, M.C.S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

SILVA, R.N. da. *A Invenção da Psicologia*. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

STEIN, E. *Aproximações sobre hermenêutica*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

SANTOS, B.S. *Um discurso sobre as ciências*. São Paulo: Cortez, 2004.